

CLIMA E DEVOÇÃO NA TERRA DE MIRANDA DURANTE A IDADE MODERNA

POR

Antônio Rodrigues Mourinho (Jr.) (*)

I

O domínio do tempo foi sempre algo de impossível e misterioso na vida do homem de todas as épocas e continentes.

A resistência regular ao clima e a todas as precipitações atmosféricas, que a moderna meteorologia dos nossos dias explica, ultrapassa o poder intelectual e a força física do homem, apesar do progresso fantástico que a ciência moderna atingiu nos dias em que vivemos.

A regulação do tempo levou os povos mais remotos a recorrer ao sagrado poder invisível e à celebração de ritos e preces, que se repetem nos nossos dias, significando expressão de medo e inferioridade para uns, incapacidade de resolução e impotência, para outros, e ainda humildade e devoção para aqueles que reconhecem humana e cristãmente a existência de um Deus Omnipotente e Omnisciente. Face às forças naturais que o homem, ainda hoje, não pode vencer, qualquer atitude é compreensível, muito especialmente entre a gente de um povo que, como o nosso do Planalto, viveu e vive ainda quase exclusivamente dos produtos que a Terra Mãe lhe vai trazendo, tantas vezes transformada em madrastra que pouco mais produz do que espinhos e abrolhos.

Seria de grande interesse levar a cabo um estudo profundo sobre o clima e a sua acção e influência no carácter e modo de ser da gente da Terra de Miranda, desde tempos remotos, mas vamos deixar só um

(*) Museu da Terra de Miranda. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

breve apontamento nestas poucas linhas que seguem, fundado em alguns documentos, que encontrámos em investigação recente, e que vão desde 1594 a 1803. São inéditos que consideramos do maior interesse, sob o ponto de vista histórico e antropológico.

Os documentos que temos a honra e a sorte de apresentar e comentar em primeira mão, dizem respeito não só ao clima ou à climatologia, mas dão-nos elementos preciosos para o estudo da mentalidade e da devoção popular da gente da Terra de Miranda e para o conhecimento das relações culturais que a região do Planalto Mirandês manteve com a Província de Castela, muito especialmente no período da dependência da Espanha (1580-1640).

Por estes documentos vemos como a nossa gente tremeu e gemeu em tempo de chuva e frio, em tempo de tempestade e quando o sol quente trazia o terror da seca e o espectro da fome para pessoas e animais. Nestas ocasiões nada mais havia a fazer do que recorrer ao Céu, onde o Senhor da Misericórdia tinha poder sem limites para abrir ou fechar a porta dos ventos, travar as tempestades de relâmpagos e trovões e lançar sobre a terra árida o sangue vital da água fertilizante.

Transcrevemos a seguir mais de duas dezenas de documentos que descobrimos nos Livros manuscritos ou melhor, nos códices do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Miranda do Douro e nos livros do Arquivo da Confraria da Santa Vera Cruz, da mesma cidade.

DOCUMENTO N.º 1

ACORDO QUE SE FEZ AO PRIMEIRO DIA DE MAYO DE 1594 ANNOS sobre prosição p^a pedir q̃ Deus Noso Senhor fizesse bom tempo.

Ao prim.^o dia do mes de Mayo de mil quinhentos e noventa e quatro annos na Casa da Santa Misericordia desta cidade estando eu escrivão e os mais hirmãos da dita Casa abaixo asinados por todos juntos foi acordado q̃ porquanto oje prim.^o dia de Mayo se faria hũa prosição sollene pedindo diguo e p^a levarem o Santo Crusifisio grãnde desta Casa na dita prosição enlegerão as pessoas seguintes: Item a Jorge Mendes e a Francisco (fr.c^o) Mendes Boisa e a Gaspar de Boisa seo genro e a Fernão Pimentel e a Dom.os Pi.s e a Alvaro Gomes todos cidadãos desta cidade do que se fez este termo de acordo q̃ eu escrivão fiz e asinarão todos os irmãos abaixo asinados

Antonio de Azevedo.

Vários historiadores, entre os quais Fernand Braudel, J. Vicens Vives, C. Cipolla e E. Le Roy Ladurie, dão conta que, em algumas regiões da Europa, principalmente na França e em toda a Península Ibérica, a década de 1590 a 1600 e alguns anos posteriores, foi um período de chuva e gelos abundantes. Verificamos que neste período também a nossa região não deve ter escapado ao mau tempo para as culturas. O documento acima citado refere, de maneira bem clara, que em 1594, a procissão do Senhor da Misericórdia foi para pedir «que Deus Noso Senhor fizesse bom tempo».

As procissões foram sempre actos religiosos e festas públicas pelas quais se exprimia o desejo de um povo ou de uma comunidade. Celebraram-se nas civilizações antigas, principalmente entre os israelitas; os romanos tiveram procissões de purificação e preces e estes costumes passaram aos povos cristianizados, desde muito cedo.

As procissões de preces que nós estamos a referir, e dizem respeito ao século XVI, eram celebradas entre o mês de Março e o fim do mês de Julho, conforme as circunstâncias e a necessidade. Era nesta quadra do ano que se semeavam os renovos e se colhiam os cereais. Casos houve também de preces e procissões em outras épocas do ano para pedir o fim das pestes.

DOCUMENTO N.º 2

ACORDO sobre se fazer hũa procissão.

Aos vinte e oito dias do mes de Abril de mil seiscentos e sinco annos nesta sancta Casa da Vera Cruz e estando juntos em meza o juiz e mais officiais abaixo asinados acordarao q̃ porcoanto avia m.tos dias q̃ não chovia e q̃ em todos os arredores desta cidade se fazião muitas procissões e déprecações a Noso Senhor Jesus Christo q̃ quísisse aver misericordia com o povo cristão e mandarnos a chuva pera as novidades pella falta grande q̃ fazia menhã sexta feira a noite vinte nove deste presente mes se fizesse a procissão por esta cidad pellas ruas e passos por onde saiu Quinta feira demdoensas pera o q̃ sairao todas as ensinias q̃ costumam sair dia demdoemsasd esta mesa se falasse e pedisse aos S.res cappelâis e cantores da Se que quisessem acompanhar o Cristo com sua ledaynha e se lhe desse requado a todos os hirmãos q̃ as avemarias se juntassem todos nesta Casa descalços para della sayrem em procissão e o q̃ se quisesse declinar ou asoutar ho fizesse para mais apracar a Noso Senhor e aver misericordia com nos e q̃ nenhum dos ditos hirmãos nem irmãs faltassem nem fossem calçados na procissão nem am manguotes falando senão todos

rezando e com devoção pera q̃ Noso Senhor aja misericordia dos pecadores e os ouça. Do q̃ mandao fazer este termo q̃ asinarão e eu Bertolameu Ramos hescrivão desta Casa o escrevi.

Gonçalo Diogo; Domingos Gonçalves; Joam Roiz; Fr.cº Navajo

Pela sua antiguidade considero este documento um elemento de grande interesse para a história religiosa e para o conhecimento etnográfico da população do Planalto Mirandês.

Todos os historiadores são, hoje, unânimes em chamar ao século XVII um período de crise de longa duração. Se o final do século anterior foi de chuvas abundantes, já não aconteceu assim com a primeira década, ou mesmo com o primeiro quartel do século XVII, que se apresenta com uma abertura extraordinária de calor e luz e se mostra um período de seca ou com uma irregularidade de distribuição de chuvas. O que podemos deduzir das linhas deste documento é que realmente o ano de 1605 devia ter sido muito seco, principalmente no tempo de primavera. Estava-se no fim do mês de Abril e havia muitos dias que não chovia. Por isso a aflicção das populações era grande e faziam-se muitas procissões e preces públicas para que «Noso Senhor Jesus Christo (...) quisesse aver misericórdia com o povo Cristão e mandar-nos chuva pera as novidades». Podemos ainda medir a aflicção da gente destas terras mesmo pela solenidade e percurso da procissão, o qual segue o itinerário da procissão das endoenças (Quinta e Sexta-feira da Semana Santa) que era a procissão mais longa de todo o ano litúrgico, além da procissão do Corpo de Deus.

Além de tudo o que acabámos de dizer, a procissão teve a participação da Irmandade da Misericórdia da cidade e dos capelães da Sé, ou seja, do cabido catedralício. As ladaínhas para as quais são convidados estes capelães não eram mais do que as preces públicas em uso na Liturgia da Igreja Católica, já desde o século V, em épocas de calamidade — peste, fome e guerra.

Um aspecto nos chama a atenção neste documento: é o facto de a mesma Confraria da Santa Vera Cruz, por meio dos seus altos representantes da mesa, pedir aos irmãos que compareçam **descalços** na Santa Casa e que nem irmãos nem irmãs fossem calçados na procissão e, o que é para ter em muita conta, é o facto de, nesta procissão, aparecerem irmãos da Confraria da Vera Cruz que levam disciplinas apertadas nos rins e outros que se açoutam reciprocamente, prática que se vinha usando desde a Idade Média em períodos de fome e peste ou guerra para aplacar

a justiça divina, como nos refere o documento. Isto não é mais do que um reforço dos testemunhos ancestrais, encontrados em documentos escritos e em muitas pinturas e esculturas de igrejas e Catedrais da Idade Média, que representam cortejos de flagelantes recíprocos e autoflagelantes, em épocas de catástrofe, para que Nosso Senhor «haja misericórdia dos pecadores e os ouça».

Aqui bem perto, na vizinha Espanha — em Zamora, Salamanca, Valladolid — havia, na Semana Santa e em outras ocasiões, as procissões de penitência que ainda hoje se conservam. Nelas se exibiam os flagelantes recíprocos e outros penitentes os quais, para não serem conhecidos, levavam, como ainda hoje, o rosto coberto com os «capuchones» e as costas nuas para serem flageladas.

Segundo Le Roy Ladurie, em 1607 e em 1617, fizeram-se em Valladolid preces públicas para pedir a chuva, o mesmo acontecendo em 1627.

DOCUMENTO N.º 3

No ano de 1613, porque o tempo estava muito confundido que não se podia recolher o pão e por essa razão o Provedor e irmãos da Misericórdia tinham tratado de fazer hũa procissão com o cabido pedindo a Noso Senhor Jesu Cristto nos melhore o tempo para boa colheita desta novidade e amparo da gente. Acordarão que saise desta Casa a Confraria na dita procissão o Santo Crucifixo grande e q̃ o leve Antonio Fe.z Trovisco, juis desta Casa que foi o anno pasado diguo que sairá o Cristo piqueno q̃ levará Antonio Fernandes Trovisco e a Virgem Nosa Senhora do Pranto e levarão os tocheiros diguo levará a Virgem Belchior Alvares e tocheiros vestidos M.el Pi.s Francisco Mr.ins, Agostinho Ro.iz e Joao Alvares de varas Luis Hernandez e Amador Andre, Miguel Gonçalves outra. E asi acordarao e mandarao de tudo fazer este acordo e eu Fr.co Camello de Quiroga escrivão o escrevi.

Este documento foi escrito no mês de Julho de 1613. Nesse mês e ano a água deve ter sido muito abundante e muito prejudicial. Pelo que podemos deduzir do documento é provável que tenha havido trovoadas e tempestades fortes, como costumam vir muitas vezes sobre o Planalto. O que é certo é que não se podia recolher a novidade do pão e de outros frutos. Por isso, mais uma vez, a cidade de Miranda, com seu cabido catedralício e as suas confrarias principais saem com a solenidade possível, levando imagens e insígnias pelas ruas da cidade para pedir a Deus que

mande o bom tempo para recolher as «novidades» do ano agrícola e muito especialmente o pão, alimento fundamental da gente do Planalto.

Mas se o ano de 1613 foi abundante em água, embora mal regulada, já não se pode dizer o mesmo do ano seguinte — 1614 — como podemos ver pelo documento que a seguir transcrevemos:

DOCUMENTO N.º 4

Aos onze dias do mês de Junho de 1614 em esta cidade de Miranda na Casa da Santa Vera Cruz estando juntos em Mesa o juiz e mais oficiais da dita Casa por elles foi acordado q̃ porquanto o tempo estava m.tº perjudicial pº as novidades e os officiais e irmãos da Santa Misericórdia com o Rev.dº Cabido desta cidade tinhão acordado fazer hua procissão solemne pedindo a Noso Senhor nos mande agoa por sua infinita Misericordia, se acordou saisse desta casa o Santo Crucifixo piqueno o qual levará nesta procissão o L.dº Martin Prs escrivao da Casa e as duas tochas com elle levarão Pedro R.oiz e Fr.cº Raposo Qairos e para levar a Virgem das Angustias se elegeu a Fr.cº Prs Quairoga vestido com sua alva e as tochas para acompanhar levarão com suas alvas Fr.cº P.iz e Belchior Alvares todos juntos com muita devoção e toda a Irmandade q̃ a cera da Casa acompanhassem a ditta procissão pedindo a Noso Senhor nos mande agoa por ser tao necessaria aos frutos e pa mais devoção e penitencia fossem os irmãos acima nomeados descalços. De q̃ tudo se fez este termo q̃ asinarão e eu Martin Pi.z escrivão da casa o escrevi.

Gaspara Vaaz (G.ar Vaaz; Fr.cº Raposo; Pº Ro.is; Josee G.lez.

Antes de continuar, devo dizer que estes dois documentos estão lavrados nos livros dos acórdãos da Igreja, ou melhor dito, nos livros dos Acórdãos da Confraria da Santa Vera Cruz da Igreja do mesmo nome da cidade de Miranda do Douro e são reforçados, na sua veracidade, por outros do mesmo teor e dos mesmos anos de 1613 e 1614, também lavrados no livro de Acórdãos da Santa Casa da Misericórdia, da mesma cidade, anos de 1600-1700.

A Primavera do ano de 1617 deve ter sido muito chuvosa, porque mais uma vez as confrarias da cidade, por iniciativa do cabido catedralício, organizam preces públicas para pedir a Deus «que pare a chuva». Transcrevemos a seguir o documento.

DOCUMENTO N.º 5

Aos vinte e hum dias do mes de Junho de mil e seiscentos e dezesete annos nesta cidade de Miranda e Casas de Santa Vera Cruz estando hi presentes o juiz e (mais irmãos) officiais abaixo asinados por todos foi acordado q̃ por coanto o cabido da See desta cidade tem ordenado aver a vinte e dous deste mes de se fazer hũa procisão solemne per as ruas desta cidade pera (pedir) por ser tempo m.tº trabalhoso e cair m.tª chuva q̃ ha e pera levarem as insignias pera a dita procisão forao enleitos pera o Christo Grande a mim escrivão e pera o Christo Piqueno enlegerao a Belchior Alvares he pera as tochas do Christo Grande Fr.cº Mendes e Gaspar Canedo tochas do Christo Piqueno Castro e Joaó Afonso e pera reger a procisão Joao Afonso digo João Pires e Amaro do Campo pera levar as varas e que se desse recado aos sobreditos pera levarem as ditas insignias pera a dita procisão e que todos os irmãos esten presentes logo q̃ se tanger a missa do dia pera se fazer a dita procisão e q̃ os officiais da mesa deem recado aos ditos irmãos. E se fez este termo q̃ asinarao e eu escrevi.

Diego de Palacios; Fr.cº Camello Quiroga; Belchionar Alvares; Joao R.oiz; Pº Mar.is; Amaro do Campo.

O ano de 1619 foi igualmente húmido. Desta vez, e neste ano, é a Confraria da Misericórdia que toma a iniciativa das preces públicas. Assim,

DOCUMENTO N.º 6

Estando em Mesa o Provedor e irmãos ao diante asinados aos dezanove dias do mês de Maio de mil e seiscentos e dezanove annos.

Em esta mesa acordarão que por o tempo ser fortuito que por nosos pecados todo o mes de Abril e Maio presente chove com tempo mui trabalhoso pera as novidades de maneira q̃ totalmente se perdem com as muitas chuvas e pera pedir a Noso Senhor aplaque este tempo com fazer bom tempo que desta casa se fizesse amanhã primeira outava ou segunda feira procisão devota com todos os irmãos desta casa e por coanto se tem visto per experiencia e hos muitos e notaveis milagres que o Christo grande desta Casa tem feito assim pera não chover como pera chover acordarao que nesta procisão se tirasse o Christo e fosse nella com veneração com

toda a cera q̃ esta casa tem pera o levarem como he costume se enlegerao aos mais botos Dioguo Pimentel; Marcos d'Abreu; Antonio Fr.es Trovisco de mor condição e de menor condição Gas.ar Roiz; Miguel Alvares e Martim Fernandez irmãos da mesa pera levar o Christo; pera reger a procissão D.os Gon.es mordomo de fora pera as tochas da bandeira q̃ ade levar Pº Feo Joao de Moraes ee Vicente Rodrigues e pera tochas do Christo Pº de Lousada e Pedro Capico e Lazaro Pires e Fr.cº Pretto e pera os de fora se lhe daria recado desta mesa e asi o tratariao com o cabido. E Amaro do Campo mordomo da Casa levava hum estandarte diante da procissão.

Por este documento vemos a grande e entranhada devoção que a cidade de Miranda e sua Terra tiveram sempre ao Cristo da Misericórdia, devoção que se manteve até hoje.

A exaltação que o documento faz dos notáveis milagres do Divino Senhor da Misericórdia é disso uma prova e a experiência de que fala o mesmo documento vem reforçada quando refere que «em outras ocasiões o Divino Senhor da Misericórdia tinha atendido o povo quer em ocasiões de muita chuva quer em ocasiões de muita seca».

Não há dúvida que era neste Cristo, cuja imagem grande se venera ainda hoje na Igreja da Misericórdia da cidade de Miranda, que o povo da cidade e seu concelho se refugiava em tempos de crise.

DOCUMENTO N.º 7

A Primavera de 1629 apresentou-se muito seca. Há desse ano um documento que é um *acórdão que se fez sobre a procissão tirando o S.tº Cristo desta Santa Casa pera pedir a Noso Senhor Jesus Cristo nos mande agoa per ser m.tº necessaria.*

O acórdão é de vinte e dois de Maio de 1629.

Saíram, nesta procissão, pelas ruas da cidade, todas as insígnias da Confraria da Santa Casa da Misericórdia para acompanhar a imagem do Senhor. Dá impressão que o acto de «tirar» a imagem do Cristo da Misericórdia é algo de extraordinário e misterioso. É como se as pessoas pusessem o próprio Cristo em contacto com a Natureza a viver o drama da seca ou da tempestade com o povo suplicante, unido em multidão.

DOCUMENTO N.º 8

Dez anos depois, em 1639, a Primavera apresenta-se seca e o povo do Planalto volta a fazer preces públicas.

No livro de Acórdãos da Santa Confraria da Vera Cruz encontramos mais um testemunho documental segundo o qual se fez *um acordo sobre aver de acompanhar esta cofradia (sic) a da Misericordia na procissão q̃ se ade fazer para pedir a Noso Senhor nos mande agoa. Aos cinco dias do mes de Junho de seiscentos e trinta e nove annos em esta cid.e de Mir.d^a e Casas da Sacristia da Santa Vera Cruz estando juntos em Mesa os irmãos abaixo asinados acordarao q̃ por coanto o Provedor e mais irmãos da Santa Misericordia tinhão asentado de fazer hũa procissão pedindo a Noso Senhor que por sua bendita mai e como Pai de Misericordia mande hua pouca de agoa por coanto esta o tempo e novidades muito esteril e tnhao dado recado e pedido a esta Santa Cofradia os quisesse acompanhar se asentou q̃ saisse Nosa senhora das Angustias e o Santo Cristo uiqueno com toda Irmandade e q̃ para isso se desse recado e q̃ iriano no lugar seguinte: q̃ o juiz fosse a maõ esquerda do Provedor no cerne da procissão e q̃ Nosa Senhora das Angustias fosse diante junto ao Santo Cristo da Misericordia entregue a Irmandade e diante da bandeira esta Santa Cofradia e o Santo Cristo piqueno...*

O resto do documento está ilegível, mas pelo que se deduz de algumas frases e palavras que ainda se percebem, é a recomendação de toda a veneração como acontecia, geralmente, nestas ocasiões.

Esta imagem de Nossa Senhora das Angústias, ou Nossa Senhora do Pranto, ou Nossa Senhora de ao Pé da Cruz, ainda se venera na Igreja de Santa Cruz da cidade de Miranda do Douro e deve datar da segunda metade do século XVI. É uma interessante Pietá que tomou várias invocações. A designação de Nossa Senhora das Angústias parece-nos de influência espanhola, onde se designava a Virgem Dolorosa por «Virgen de las Angustias». Como é sabido, há em Valladolid uma imagem riquíssima, esculpida pelo grande mestre escultor Juan de Juni, de la Virgen de las Angustias, na Igreja do mesmo nome. Não podemos esquecer o intercâmbio artístico que sempre existiu entre Miranda, como Diocese e como cidade, e a região de Valladolid.

Ainda no Livro de Acórdãos da Confraria da Santa Vera Cruz de Miranda do Douro de 1650-1743 encontramos mais testemunhos de procissões e preces públicas para pedir a chuva.

DOCUMENTO N.º 9

Um desses documentos está no acórdão de 18 de Maio de 1664. Por ele se determinou que se fizesse procissão *juntamente com a Confraria da Santa Misericordia para pedir a Noso Senhor agoa para as novidades por estarem muito necessitadas della como se tem feito em outras procissões.*

Mas ainda nos Livros de Acórdãos da Santa Casa da Misericórdia encontrámos um documento de preces públicas em 1653.

DOCUMENTO N.º 10

Aos vinte e oito de Abril de 1653 (mil seiscentos e sincoenta e tres annos nesta cidade de Miranda estando juntos em mesa o Provedor e irmãos della acordarao se fizesse hua procissão oje abaixar o Santo Cristo desta Casa para q̃ elle fosse servido mandarmos agoa pera os frutos dos campos pela grande falta q̃ avia della e q̃ para esse efeito se desse parte ao Rev.º cabido e aviso ao mestre da capella e capellães p^a cantarem a missa q̃ se havia de dizer cantada depois do novenario na forma costumada ep^a a ditta procissão e levar o Santo Cristo e ensignias elegerao os irmãos da mesa e dos que faltarao e nao bastarao elegerao os mais irmãos que pareceo em mesa na forma seg.te. (Vêm a seguir os nomes dos eleitos).

O ano de 1654 volta a aparecer de seca na Primavera. Assim consta de um documento existente nos livros de Acórdãos da Confraria da Misericórdia, que tem a data de cinco de Abril de 1654. Por ele nos é dado a conhecer que *pela grande necessidade que havia de agoa pera os frutos dos campos se fizesse hua procissão com o Santo Cristo desta Santa Casa pelas ruas da cidade e se desse parte ao cabido da Se e capelães.*

DOCUMENTO N.º 11

Ainda no Livro de Acórdãos da Confraria da Santa Vera Cruz do ano de 1667, a dois de Maio, encontramos mais um documento que fala de procissão *para que Nosso Senhor nos acuda.* A procissão seria com as imagens de Cristo Crucificado, Nossa Senhora de Ao Pé da Cruz e Ecce Homo, também chamado o Senhor da Cana Verde. Todas estas imagens pertenciam à Igreja de Santa Cruz e ainda lá se conservam. A imagem do Ecce Homo ou Senhor da Cana Verde foi oferecida pelo licenciado Dr. Diego de Ordas de Anhojo pelo ano de 1662 ou 1663, como consta de um documento existente no mesmo livro.

DOCUMENTO N.º 12

No ano de 1670 veio uma estação de Primavera marcada por chuva abundante e, com certeza, prejudicial. Assim nos fala um documento da Confraria da Santa Vera Cruz:

DOCUMENTO N.º 13

Aos vinte e seis dias do mes de Abril de mil seiscentos e setenta annos nesta cidade de Miranda e Casas da S. Vera Chrus estando em mesa eu escrivão e os mais irmãos abaixo asinados acordamos q̃ p^a q̃ Noso Senhor fosse servido de nos levantar estas agoas p^a q̃ Deus nos goarde os frutos e acuda com sua Misericordia se fizesse procisão com as ensignias desta Santa Casa e Cristo Crucificado e a Virgem das Angustias e Ecce Homo sayndo a procisão pella cidade e deixando a Virgem em novenas no Santo Christo e para isto se fez eleição no livro das eleições para as ensignias e asinarão comigo escrivão. Eu Domingos Borges Malheiro desta Santa Casa o escrevi.

*Domingos Borges Malheiro; Ant.º Frz
Bernardo Go.ves Filho
Miguel Afonso*

O ano de 1675 mostra-se duro em tempestades durante o mês de Julho. Os lavradores mostram-se aflitos, porque não podem fazer a recolha do pão. Aparece neste ano um acórdão no Livro respectivo da Santa Vera Cruz p^a a procisão q̃ se faz na Santa Misericordia com o Santo Cristo pella cidade p^a q̃ Noso Senhor J. Cr.tº nos alevie as tempestades presentes e nos deixe fazer a colheita q̃ esta pello campo e ficar em novenas na Santa Casa.

DOCUMENTO N.º 14

Aos V.te dias do mes de Julho de mil seiscentos e setenta e sinco em esta cidade de Miranda e Casas da Sacristia da Santa Vera Cruz estando juntos em Mesa o juiz e mais irmãos abaixo asinados acordarao q̃ por coanto o Provedor e irmãos da Santa Misericordia tinhao asentado fazer hua procisão pedindo a Noso Senhor q̃ por sua compaixao e como Pai de Misericordia nos aplaque o tempo e nos deixe recolher as novidades q̃ nos mostra per coanto esta o tempo e novidades muito perigoso tinhao dado recado e pedirão a esta Santa Casa os quisessem acompanhar e asentarao em mesa q̃ saisse Nossa Senhora das Angustias e o Santo Christto piqueno com toda a Irmandade e para isso se desse recado e assim o fizerao e

*disto se mandou fazer este termo q̃ todos asinarao e eo Ant. do Rego
escrivão desta Santa casa o subscrevi e asinei com o Presidente da mesa
e na ausencia do juiz Reverendo Conego Braz Ferreira dia mes e anno.*

Ant.º do Rego; Ant.º P.is Ferrador.

O último quartel do século XVII deve ter sido de meteorologia regular e as colheitas não devem ter sofrido grandes prejuízos, porque nada mais consta nos documentos dos Arquivos que vimos citando, pelo menos na região de Miranda do Douro. Por outro lado não há historiadores que falem em crises graves a nível europeu ou peninsular neste período no campo agrícola.

O século XVII foi, como tivemos ocasião de dizer acima, um período de crise de longa duração, como está de mais comprovado por documentos e estatísticas. Fome, peste e guerra foram calamidades naturais umas, e humanas outras, a que não escapou esta região do Planalto. A guerra da Independência, que durou vinte e oito longos anos (1640-1668), pôs a população do Planalto em contínuo alerta e sobressalto. A cidade de Miranda era das mais importantes do tempo sob o ponto de vista estratégico e militar e por isso era a mais temida pelos espanhóis aqui no Nordeste. O governador da praça tinha de estar em contínua comunicação com as populações.

Os dois mil homens da região estavam preparados para entrar em acção em caso de ataque, segundo cartas que temos em nosso poder e que foram escritas pelo Conde de Alba a Filipe IV nos anos de 1640-1642. Esta situação, aliada ao mau tempo, punha em estado de pânico a população para a qual não havia outras soluções senão o recurso ao Céu. É encantador ver como estas almas doridas, mas serenas, que são representadas pelo clérigo mais elevado ou pelo letrado mais ilustrado ou ainda pelo militar mais graduado; pelo escultor ou pintor, pelo homem de artes e ofícios, lavrador, geireiro, pobre, preso, sem desespero, recorriam em espírito humilde ao Senhor da Misericórdia ou à Senhora do Nazo ou ainda à Senhora do Monte. Como evoluíram os tempos e os homens!!!

A raiz da religiosidade cristã, ou mesmo pagã, das populações do Planalto havemos de a procurar na Terra Mãe sacudida ou acarinhada pelo tempo!

Será necessário recolher mais testemunhos e aprofundar mais este tema que me parece deveras importante para o conhecimento da psicologia e da mentalidade do povo Mirandês e de todo o Nordeste Transmontano.

Nos primeiros anos do século XVIII, até 1714, não há documentos que nos falem da irregularidade do tempo, aqui no Planalto.

DOCUMENTO N.º 15

Mas no ano de 1714 há seca e, por isso, esterilidade. Assim:

Aos trinta e hum dias do mes de Março de mil settecentos e catorze annos em esta cidade de Miranda e Casas da Santa Misericordia estando em mesa o Provedor e mais irmãos da mesa acordarao que por quoanto avia muita (m.tª) necessidade por rezão de aver falta de agoa e porque por todas as partes se estavam fazendo preses a Nosso Senhor Jesus Christo para que se digne de nos socorrer a tanta estirilidade acordarao que o Santissimo Christo que estaá na capella desta Santa casa todo este povo e mais lugares tem nelle .t.ª (tanta) confiança e tratão com m.tª veneração e pª estas necessidades e para outras semelhantes se costuma acudir a Sua divina Magestade mandarao e acordarao que se pusesse em novena ao prº de Abril deste presente anno.....

No dia 8 de Abril do mesmo ano convoca a mesa da Misericórdia uma outra procissão para agradecer ao Senhor da Misericórdia o ter mandado a chuva *pela grande merce e favor que nos fez de nos socorrer com agoa.*

O ano de 1715 é também um ano de seca. Por isso os irmãos da mesa *acordarao que pela muita necessidade que havia de agoa pª os temporais e para a saude se abaixase e fizesse novena com a imagem do S.tº Christo pª q̃ fosse servido acodirnos a esta necessidade.....*

DOCUMENTO N.º 16

Este documento é do dia 23 de Maio de 1715 e no dia pr.º (primeiro) de Junho faz-se a procissão de acção de graças pela chuva que o S.tº C.rtº foi servido mandar. Citando o documento: *por ser o S.X.rtº servido secorernos com agoa q̃ lhe pediamos.*

O ano de 1716 é também um ano de seca. Dele temos o seguinte testemunho:

DOCUMENTO N.º 17

Acordam que se fes sobre baixar o Santo Cristo:

Aos vinte e quatro dias do mes de Abril de mil seiscentos e dezaceis nesta casa da S.tª Mesericordia estando em mesa o presidente e mais irmãos della abaixo asinados acordarao que por coanto era grande a necessidade que se experimentava na falta da agoa pª colhimento dos frutos que

se baixasse o S.tº Cristo desta S.Tª casa e se puzese em novena pª que fosse servido uzar de mesericordia com os fieis chatolicos que tanto anelavam e suspiravam pelo despacho daquela petição e detreminarao principiase a novena no dia de manha que se contam vinte e cinco de que se fez este acordam e que asinarao eu Ant.º X.er de Sousa que o subscrevi (Seguem as assinaturas).

Aos dois dias do mes de Maio de 1716 detreminarao os irmaos de mesa fazer hua procisao solemne em acção de graças com o Santissimo X.rº pella agoa de que nos fes merce.....

Mais uma vez os fieis de Miranda foram atendidos pelo Senhor da Misericórdia, segundo rezam os documentos.

DOCUMENTO N.º 18

Aos seis dias do mes de Abril de mil setecentos e vinte annos nesta Casa da Misericordia estando em mesa o presidente e mais irmãos della abaixo asinados ahi detreminarão pela m.tª necessidade ã experimentavão as searas e clamores dos povos pella falta de agoa recorrer a Magestade Devina com reprecações para o ã se pusesse em novena a imagem do SS.mº X.rº ã desta em sua capella desta Santa Casa por reconheceram da sua piedade acudirnos sempre em outras necessidade e pª o levar em procissão nomearão as pessos seguintes: (seguem os nomes).

Nesta procissão participaram as forças vivas da cidade e pessoas de fora, dos povos vizinhos. Neste documento, à margem, lê-se que participaram nesta procissão os «tocheiros da Senhora do Nazo». Provavelmente vieram a acompanhar a Senhora do Nazo, cuja imagem se teria incorporado na procissão, como aconteceu em algumas ocasiões, já no nosso século, segundo tradições orais.

Passados três anos, em 1723, volta um ano de Primavera seca. Por isso, no dia doze de Maio, sendo provedor da Misericórdia o próprio Bispo da Diocese de Miranda, D. João de Sousa Carvalho, assentaram *que se expusesse a imagem do Santo Cristo em novena pela grande necessidade que os frutos tinham de água.*

DOCUMENTO N.º 19

Passaram quase vinte anos, de tempo mais ou menos regular mas, no ano de 1748, as coisas mudaram.

DOCUMENTO N.º 20

Aos catorze de Março de 1748 estando em mesa o Provedor e mais irmãos de mesa da Santa Misericordia por requerimentos que lhe fizerao os moradores do termo desta cidade a saber alguns de Duas Igrejas, Inff.es, Malhadas, Cassarelhos e outros mais acordarao que se expusesse o Santo Christo em novenas p^a q̃ fosse servido temperar o tempo e os rigores delle aplacalos por terem experimentado que com as demasiadas chuvas e frios que tem havido tem experimentado os pains muito debrimento e por causa do mesmo temporal estao os labores por fazer e que visto ponderado e atendido pelo provedor e irmãos de mesa e em atensao ao junto requerimento dos moradores do termo acordarao que no dia quinze do corrente se expusesse o S.^{to} Cristo baxandose do camarim lugar onde costuma digno lugar ou sitio onde se costuma por em semelhantes ocasiões e que a novena findaria em o dia vinte e tres em que se faria procissão na forma costumada e p^a constar mandarao fazer este termo que asinou o provedor e mais irmãos e eu M.^{el} Falcão escrivão de mesa pelo impedimento de A. Alves escrevi. O provedor Fern.^d Sarmiento Ordaz, etc..

Pelo documento exposto, o ano de 1748 foi ano de frio intenso e chuva torrencial e, com certeza, muita neve. J. Vicens Vives diz que este ano foi de fome na Península Ibérica, mas nem todos os anos de fome que afectaram a Península influenciaram necessariamente o Planalto Mirandês.

Este documento chama-nos a atenção para o facto de serem os lavradores das povoações do Planalto a requererem a procissão ao provedor da Misericórdia. É mais um reforço em favor da confiança única e universal dos povos do planalto na imagem do Cristo da Misericórdia. Os bispos de Miranda, já no século XVII e XVIII, falavam na grande devoção que o povo Mirandês dedicava ao Santo Cristo Crucificado. Várias vezes encontramos este depoimento, mesmo nas visitas «ad sacra Limina».

Também no ano de 1761 se fizeram preces ao Senhor da Misericórdia, com certeza para pedir chuva. O documento (n.º 21) é de 31 de Maio de 1761.

Mas nem só por chuva demasiada ou por seca esterilizante foram fustigados os povos do Planalto.

Em 1768 foi a peste.

DOCUMENTO N.º 22

Aos vinte e nove dias do mes de Janeiro de mil e setecentos e sesenta e oito nesta santa casa estando em mesa os officiais della acordarao que

no domingo trinta e hum do corrente se faz huma procissão com a imagem do senhor da Misericórdia por esta se achar em preces por causa da peste para o que se detremina nesta mesa que a Irmandade da santa Cruz para o que fizerao a eleição pela maneira seguinte:..... (seguem os nomes dos eleitos para insígnias e imagens).

Não encontrámos mais documentos que nos falem de pestes no Planalto, mas é provável que elas tenham aparecido neste período que estamos a tratar. Nas guerras com Castela, em 1640-1668; na invasão de Miranda levada a cabo pelos castelhanos, em 1709-1711 e, principalmente, na Guerra de 1762, que assolou Miranda e destruiu o seu castelo, deve ter havido peste, embora os documentos que encontrámos até agora nada declarem sobre o caso.

Mas, pelo que parece, o ano de 1768 foi de calamidade, no que toca à peste e à humidade.

DOCUMENTO N.º 23

No dia treze de Outubro de 1768 a Confraria da santa vera Cruz acordou acompanhar a procissão que se fazia com o Senhor da Misericórdia que «se achava em novena para serenar o tempo e copiosas agoas q̃ empediao as sementeiras».

Ainda no ano de 1773 as populações do Planalto Mirandês se viram aflitas com a falta de água. Desta vez é a Misericórdia de Mogadouro que promove preces públicas e procissão.

DOCUMENTO N.º 24

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e setecentos e settenta e tres annos. Aos vinte e seis de Abril do ditto anno em esta santa casa da Misericordia desta villa de Mogadouro e casa do despacho della e onde se achavao os irmãos da mesa abaixo asinados se detreminou o seguinte:

Detreminarao que se fizessem presses p^a q̃ Deos Noso Senhor nos acuda com agoa a muita necessidade com que se acha a terra e que se lhe fara novena e procissão e sermão no dia nove de Mayo de penitencia e asistiraõ a novena os irmaos que para isso forao nomeados e que aprocisao e novena se faça com a imagem do Senhor Morto e que os irmãos que faltarem sejam condenados em cem reis que logo pagará pena de ser riscado de irmão. E nesta forma ouveraõ o acima e atras por detreminado

por bem e asinarao Manoel digo, declararao que viessem dous confessores cada dia para confesarem os irmãos e assistirem a novena. Manoel Thomas Caleijo que o escrevi. (seguem as assinaturas).

Este ano devia ser de aflição, como tantos outros no Planalto, não só na região de Miranda, mas também mais para o interior do Nordeste.

Não temos mais documentos que reforcem o testemunho desta situação no planalto neste ano de 1773, mas basta este documento para ver como ainda nos finais do século XVIII as populações conservam a mesma mentalidade religiosa e cultural da ancestralidade.

Os últimos anos ou as últimas décadas do século XVIII devem ter sido de meteorologia regular. Nada consta em contrário.

DOCUMENTO N.º 25

O ano de 1802, mal tinha nascido o século XIX, foi de esterilidade pela grande seca que assolou o Planalto. Por isso, mais uma vez a população recorre ao Senhor da Misericórdia. São, de novo, os lavradores que requerem as preces, novena e procissão ao Cristo da Misericórdia.

Foi esta acordada no dia 23 de Abril de 1802 e no *5º dia da novena foi o Senhor digo o Divino Senhor Jesus servido beneficiarnos com abundante chuva que continuou.* Assim declara uma nota à margem do acordo exarado no livro de Acórdãos da Santa Casa da Misericórdia de Miranda do Douro de 1800.

DOCUMENTO N.º 26

Ano de esterilidade foi também o de 1803. A 18 de Maio desse mesmo ano acordaram os irmãos da mesa da Misericórdia que se fizessem mais preces para pedir água, mas são também os lavradores do termo de Miranda *que pedem ao provedor da Santa casa a celebração de novena e preces com procissão ao Senhor da Misericórdia.*

Mais se podia acrescentar de documentos do século XIX, mas não queremos ser exaustivos com um tema que é cansativo.

Os documentos falam por si. Resta tirar as conclusões que não podem ser dogmáticas. Cabe aos antropólogos dizer da sua opinião e justiça.

O período entre o princípio de Março e o fim de Julho é o tempo de sementeira dos renovos. É tempo de Primavera e parte de Verão, tempo de colheitas. Pode haver seca esterilizante, ou água em demasia, trazida

por tempestade, e estas duas situações põem em causa a vida de lavradores e gados, uma vez que podem ser afectados renovos, cereais e pastagens. Daqui o espectro das populações.

Como vimos pelos documentos, houve muitos anos em que as preces se celebravam para pedir o bom tempo que permitisse recolher os frutos, porque as tempestades e trovoadas, impediam as ceifas, trilhas e recolha do pão e, se é verdade que nem só de pão vive o homem, também é certo que sem pão não vive. No período em que nos situámos, a região do Planalto Mirandês vivia só do que a Terra Mãe lhe dava. A população estava ainda debaixo de uma pura economia de subsistência: semear centeio, trigo e algum serôdio para comer e para semear de novo. Colher o suficiente para viver e para alimentar o gado.

Quando Filipe II quis anexar Portugal à Coroa de Espanha, em 1580, pensou invadir o Nordeste com um corpo de exército, mas alguém o dissuadiu. Foi o Rei Imperador aconselhado a ameaçar as populações com o incêndio das searas e com a confiscação dos animais. Foi o suficiente. O terror tomou conta das populações que tiveram que ceder, apesar do seu patriotismo muito português, só atraído pelos altos senhores. A redução pela fome foi o espectro da nossa gente em todos os tempos. Nada nos surpreende, por isso mesmo, que os povos, em épocas de penúria e calamidade, recorressem ao poder do Senhor da Misericórdia. Para isso contribuíram também muito os sermões e pregações de Frades e padres que tendo recebido a mentalidade do Concílio de Trento, na época Moderna, não se cansaram de pregar, com terror, o fim dos tempos, os castigos neste e no outro mundo. Em Miranda pregaram padres espanhóis vindos de Alcañices, de Zamora e de Salamanca. Estes padres encarnaram as doutrinas tridentinas num tempo de missionarismo que tinha por fim converter e penitenciar. O que acontece em Miranda acontece em todo o Nordeste durante os séculos XVI, XVII, XVIII e parte do século XIX para não ir mais adiante, porque até mais adiante acontece. As populações viviam debaixo de um certo rigor. Em épocas de calamidade chegava-se a pensar no fim do mundo. O rigor das pregações criava o terror do espírito, causa da humildade e resignação que provocava o recurso ao Omnipotente e Invisível.

A História do clima e da sua influência no modo de ser das pessoas e povos de certas regiões está ainda no princípio. Há alguns pequenos estudos em França e em Espanha. Em Portugal quase nada se conhece e sobre a nossa região muito menos.

Muito pouco se tem avançado, também, na explicação das motivações psicológicas de indivíduos e multidões ao longo da História.

Uma coisa é certa: o temor interior é uma constante religiosa da alma popular.

Não é minha intenção ser dogmático nem exaustivo, mas tentar comunicar o conteúdo histórico inédito de documentos recentemente descobertos que falam da história do povo do Planalto Mirandês, no aspecto religioso e etnográfico. É um absurdo fazer história sem documentos e a historiografia nem sempre satisfaz.

Deixo aos mestres da Antropologia o direito e a obrigação de interpretar e desenvolver, à luz da ciência moderna, os documentos que aqui exponho.

À medida que vamos avançando na investigação sobre a vida ancestral da nossa região, vamos verificando quanto se perdeu (como em outras regiões) da riqueza cultural, religiosa e etnográfica. Há muitos elementos recuperáveis que a acção de párocos e autarquias podem conseguir. É da máxima importância e urgência lembrar aos povos as suas raízes culturais, origem da sua economia, da sua religião, da sua mentalidade e do seu modo de ser. Conserve-se o que é aproveitável e os dignifica, porque faz parte da sua própria alma como pessoas cujo sangue e princípios espirituais vêm de gentes tão remotas.

Miranda do Douro, Junho de 1987.

FONTES MANUSCRITAS INÉDITAS

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Miranda do Douro.

Arquivo do Museu da Terra de Miranda-Miranda Douro.

Arquivo da Igreja da Santa Cruz-Confraria da Santa Vera Cruz de Miranda do Douro.

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Mogadouro.

RESUMO

O Planalto Mirandês, como toda a Província de Trás-os-Montes, sofreu, mais do que qualquer outra região do País, os rigores da irregularidade do tempo: frio intenso no Inverno; sol escaldante no Verão. Tem plena razão de ser o provérbio da gente transmontana: «Nove meses de Inverno e três de Inferno». Anos há em que as sementeiras se fazem tardiamente, quando a chuva se prolonga desde a última semana de Setembro até fins de Novembro, ou até bem perto do Natal, e a terra fica incapaz de ser lavrada para semear. Há anos em que a Primavera vem muito chuvosa, ou muito seca, de tal modo que impede a sementeira ou plantação dos renovos e chegam mesmo a apodrecer os cereais. Houve anos em que as ceifas se

fizeram com muita dificuldade e em que as trilhas e recolhas do pão se tornaram quase impossíveis, chegando o pão a nascer nas medas por motivo das chuvas e trovoadas que impediam as recolhas. São situações de extremos que a meteorologia traz «sem dó nem piedade».

Como toda a gente transmontana, a gente do Planalto mostrou sempre uma grande religiosidade quer na Idade Moderna ou contemporânea, quer na Idade Média ou, na Época Romana, quer, ainda, em épocas gentílicas da pré-história, das quais se conservam ainda nos povos desta região do Planalto ritos e festas de característica pagã e que podemos ver ainda nos períodos solsticiais.

Esta gente, que não tem outra fonte de economia que não seja a terra, fica aterrorizada, quando a seca ou a chuva prolongadas prejudicam as culturas. Face a estas situações de fome e calamidade, a única saída é o recurso ao poder sobrenatural. Vários santuários e imagens dão testemunho da devoção do povo do Planalto Mirandês nestas ocasiões, mas a documentação escrita mais abundante fala da devoção ao Santo Cristo da Misericórdia cuja imagem, que data do século XV, se venera ainda na Igreja do mesmo nome na cidade de Miranda do Douro.

Os documentos são muito claros e vão desde 1594 até ao princípio do século XIX. Poderíamos apresentar mais testemunhos, mas parece-nos que estes são suficientes para a história do clima e para o conhecimento da devoção ao Santo Cristo da Misericórdia, como centro principal de religiosidade, onde o povo do Planalto encontrou alívio para todos os males que afligiam a sua subsistência, principalmente durante os anos de penúria dos séculos XVII e XVIII.

SUMMARY

The «plateau» where Miranda do Douro stands (the «Planalto Mirandês») has been affected, as well as the whole province of Trás-os-Montes, by the typical sharp changes of weather in the region: freezing cold in winter and burning hot in summer. There are years when rain does not stop from mid September to the end of November, or perhaps December, preventing the sowing of the fields from being done in due time. In the same way, springtime can also be too wet, or too dry, with an adverse effect on the harvest of grain.

The inhabitants of the «plateau», as well as the people of the whole region, are known to have been religious all through the various eras known to us, i.e. from pre-historical to our times. Rituals and festivities of pagan origin are still being performed today by the locals.

As the economy of these people depends entirely from the proceeds of the land, they get into panic when faced with a severe year, that is to say: hunger and calamity. Thus, their only refuge during bad agricultural years is the believe in supernatural powers. The length of their believe is affirmed by the many shrines and images of Saints still existing in Miranda. There are also many documents, written from 1594 up to the beginning of the XIX century, which testify the devotion and worship of «Santo Cristo da Misericórdia». The image of this Saint, dating from the XV century, is still being worshipped today and can be seen at the parish church of Miranda do Douro.

BIBLIOGRAFIA

- BRAUDEL, Fernando — *El Mediterraneo y el Mundo Mediterraneo en la Epoca de Filipe II*, Madrid, Fondo de Cultura Economica, 1976.
- DELUMEAU, Jean — *El Catolicismo de Lutero a Voltaire*, Barcelona, Nueva Clio, 1973.
- DELUMEAU, Jean — *La Civilizacion del Renacimiento*, Barcelona, Editorial Juventud, 1977.
- VIVES, Vicens — *Historia Economica de Espanha*, Barcelona, Editorial Vicens Vives, Vol. 3.º e 4.º, segunda reedicion.
- VIVES, Vicens — *Historia de España Social e Economica*, Barcelona, Vicens bolsilo, tercera reedicion, 1979.